

DOCUMENTO SOBRE O SUBTEMA: PROFISSAO.

Maria Irene do Nascimento

A Informática é a Ciência do tratamento racional da informação, recorrendo, quando necessário aos meios automáticos.

Esta definição implica uma prática de autêntica desmistificação da Informática. Se se levar à Informática problemas do interesse geral do povo tais como ligações à agricultura, à saúde, ao bem-estar social, à educação, à pesca, etc., é natural que se peça a participação de todos os intervenientes não só dos respectivos sectores como dos seus utilizadores. E esta é uma atitude de real desmistificação, porque permite inclusivamente transmitir conhecimentos que a própria prática no ataque a esses problemas determina e exige.

RECURSOS HUMANOS

O problema de se conhecer o computador e não as pessoas ou, melhor, a Informática isto é, o problema de se ouvir falar de chavões como o computador é inteligente, ele faz e acontece, centra-se sobretudo no facto de que o computador tem sido utilizado em problemas fundamentalmente de carácter rotineiro, subadministrativo. Tem-se tratado de uma acção de utilização do computador meramente passiva, em que a intervenção do homem apenas tem tido lugar na aplicação de um conjunto de regras que segue quase cegamente e pouco tem - refiro-me a Portugal - sido posto em situações de participação com o homem e sobretudo com os interessados.

ESTRUTURA DA PROFISSÃO

É evidente que a estrutura, da profissão em função do que tem sido a utilização do computador é de certo modo uma estrutura rígida, pouco flexível, talvez contemplando mais a utilização das regras que têm levado a que só o computador seja falado do que uma perspectiva de dinamização das reais possibilidades do computador na técnica e na ciência. Daí encontrarmos a velha estrutura de profissionais ser a de que na base estão os perfuradores e verificadores e pouco mais acima os programadores seguidos dos analistas e talvez no cimo, lembrando o desenho da A. P. I., o dono disto tudo. Melhor seria tratar-se o pessoal ligado à Informática por:

-Técnico: todo aquele que quisesse ser, salvaguardando evidentemente as diferentes graduações;

-Técnico-científico. para aquele que associasse aos problemas técnicos outros de índole científica ou reciprocamente e finalmente

-Científico: para todo aquele que se sentisse muito mais motivado pelos problemas científicos e até possivelmente só a eles se dedique. Aliás esta perspectiva contempla a estrutura até hoje encontrada e mais naturalmente ligada aos processos administrativos que a Informática ter servido do que aquela que está implicitamente ligada à definição de Informática aceite e praticada universalmente.

Na verdade a estrutura profissional apresentada na A. P. I. não contempla a Informática Científica, isto é, estudo e desenvolvimento de técnicas de aplicação. Apenas se relaciona com um sector de trabalhadores, mesmo que possa ser o maior em termos numéricos. Com alguma excepção, talvez até só a de operadora" as outras actividades no quadro apresentado na A. P. I. estão quase que exclusivamente ligadas à prática de tarefas administrativos, não contemplam, certamente, a própria Gestão Administrativa que hoje tem o seu conteúdo, pelos seus objectivos, localizado na Gestão Operacional ou Investigação Operacional que passou a conhecer-se como Operation Research e agora é um ramo da Ciência Informática.

Os americanos chamam à Informática ou melhor a Informática é a tradução de Computer Science criada pelos ingleses de definição científica sancionada e

valorada pelas Academias Francesa e Russa. Isto é, a Informática tem corpo e metodologia científicas sem o que se transformaria rapidamente num vácuo. Quer isto dizer que o quadro para que apontam é uma espécie de documento que subscreve um âmbito profundamente injusto por ser apenas uma parte muito pequena do verdadeiro conteúdo da Ciência Informática.

É muito difícil conceber-se um técnico sem formação científica informática, embora se possa acreditar na existência e prática de um criador informático sem utilização de meios informáticos. Recordar-se aqui a implementação da linguagem ALGOL que foi concebida em termos perfeitamente teóricos, e ocorre perguntar onde estará Peter Naur no quadro presente ou, por exemplo, um Kauffmann ou, ainda, onde estão neste quadro os homens que em Portugal se dedicam às inúmeras rubricas que constituem as partes do corpo científico que é a Informática. Onde estará o sr. Wiener? Claro que não podemos dizer que o sr. Wiener é um programador cibernético ou Peter Naur um analista. Perante isto pergunta-se onde estão, por exemplo, nesse quadro todos os informáticos que tratam de algoritmos? Em suma onde estão os profissionais da Informática do Computador e da Informática Computacional para além daqueles que estão previstos no quadro da A. P. I. e que apenas são contemplados pelos modos que se conhece, isto é, Informática Administrativa substituta de mecanografia.

É uma grave responsabilidade afastar da Informática, negando-lhes a profissão, trabalhadores da mesma, tanto mais que é nestes que reside fundamentalmente a riqueza nacional neste domínio.

A única solução é criar uma carreira técnica, outra técnico-científica e talvez outra científica e em todas as três graduar diferentes aptidões.

FORMAÇÃO

A formação e instrução informáticas devem estar fundamentalmente localizadas no exercício e na prática dos problemas concretos a atacar. Daí decorre não podemos concordar com tanto doutor em informática e sem informática de doutores. É evidente que a política do aproveitamento racional da Informática passando claramente pelos grandes problemas sociais a que a Constituição se devota, leva a uma consciencialização das formação e instrução informáticas. Passa antes de tudo por uma informatização ou seja pela necessidade e pelo sentimento das razões do aproveitamento em Informática. Aqui se localizam aspectos de ensino em Informática.

Mas este embora tendo de ter em linha de conta que uma independência tecnológica não pode ser "obtida" sem o acompanhar dos grandes problemas de estudo em ensino e investigação a nível mundial, deve ser dirigido fundamentalmente para a utilização e solução de problemas concretos. Um ensino a nível nacional é evidentemente necessário sobretudo no espírito da desmistificação de que quem ensina são as empresas e de que são estas ainda que controlam o mesmo ensino seja num ensino elementar, mas fundamental, seja num ensino de nível superior, que até hoje nunca existiu em Portugal -porque desligado das realidades concretas -.embora se dediquem à prática de chavões como de ensino de pós-graduação (que de pós-graduação só o tem pelo facto de receberem licenciados) ou de convénios entre institutos e universidades mas que no fundo só buscam a legitimidade não a partir dos verdadeiros problemas mas única e exclusivamente a partir do reconhecimento de meia dúzia de interessados que eles próprios ajudam a montar.